

Refletindo atuação administrativa da mulher de elite no Vale do Paraíba Fluminense do século XIX

ELIANE CAHON LEOPOLDO*

Introdução

A produção historiográfica vem percorrendo novos caminhos nesse início de século XXI, vale lembrar que esta se apegava no passado a certos modelos e estruturas, entretanto, hoje já podemos nos apropriar de outras áreas de conhecimento para discutir questões como as relacionadas à mulher, suas atuações e comportamentos sociais. Foi preciso enxergar, que as fontes poderiam ampliar nossos debates, interagindo com o cotidiano de nossas personagens. Enriquecendo o discurso relacionado o “ser mulher” no XIX.

E para discutir nosso posicionamento acerca da participação social da mulher enquanto administradora da casa, família ou negócios. Colocamos uma lupa para compreender a condição e atuação de nossas personagens dentro de seus contextos. Especificamente direcionamos um feixe de luz na trajetória de figuras femininas pertencentes à sociedade cafeeira do vale do Paraíba fluminense do século XIX. Representantes de uma elite local. Estas mulheres ao construir seu cotidiano e imprimirem suas impressões, sejam nos relatos conscientes ou inconscientes deixados, de como administravam suas casas, negócios e famílias. Abrindo um leque de opções para nossos estudos. Muitas vezes só percebidos ao se fazer a leitura nas entrelinhas de documentos como cartas, diários, e testamentos.

Todavia este texto é um fragmento do primeiro capítulo de nossa dissertação de mestrado. Apesar do título faremos uma breve apresentação da temática, futuramente discutiremos as questões propostas e os conceitos inerentes as mesmas, relacionados à nossas reflexões acerca das atuações da mulher de elite, no contexto da sociedade dos barões de café do Vale do Paraíba Sul Fluminense.

Entendemos que nesse momento ainda existam muitas análises a serem realizadas. Nossas compreensões fruto destas serão assunto para debate maior. Cabe ressaltar ainda que

* Mestranda em História Social pela universidade Severino Sombra Vassouras RJ. Laboratório de Estudos de História Social da Cultura (LEHSC)

2

iremos aqui priorizar as percepções com as análises construídas a partir do estudo das fontes selecionadas nesse processo inicial da pesquisa. Tomando como base observações e compreensões iniciais, visto que a pesquisa ainda esta em andamento

. Reflexões estas baseadas no estudo de testamentos e inventários, que estão disponíveis no Centro de Documentação Histórica - Universidade Severino Sombra. Vassouras CDH-USS e documentos que fazem parte do acervo do museu Casa da Hera em Vassouras, antiga moradia dos Teixeira Leite. Personagens do cenário social caracterizados como a elite dos barões do café. Grosso modo faremos um contra ponto entre Eufrásia Teixeira Leite e outras figuras femininas selecionadas da referida sociedade e período. A rigor, nossas inquietações situam-se em torno das atuações sociais destas mulheres.

Historiadores trabalham com as fontes. Nós nos apropriamos delas por meio de abordagens específicas, métodos diferentes, técnicas variadas. [...] Fontes têm historicidade: documentos que “falavam” como os historiadores positivistas talvez hoje apenas murmurem, enquanto outros que dormiam silenciosos querem se fazer ouvir. (PISNKY, 2010:7)

Como historiadores, dialogamos com as fontes, essas, carregam suas peculiaridades. O caminhar das análises, como abordá-las, decifrá-las e fazê-las falar é o sonho de todos. Uma relação que provoca e extrapola nossas reflexões, motivam muitos questionamentos. Principalmente quando elegemos uma diversidade de documentos, percebemos algumas vezes que as direções de nossas pesquisas foram sendo direcionadas por suas próprias demandas. Acompanhando essa percepção vamos compartilhar a construção inicial de nossas pesquisas, o rastro deixado, através dos vestígios impressos por nossas personagens nas fontes eleita para nossos estudos.

.O processo de análises das pesquisas e sua continuidade nos apontaram a necessidade de outras informações. E depois de trilhar os caminhos iniciais, as novas demandas nos conduziram ao museu Casa da Hera.

Já havíamos visitado a cidade de Vassouras alguns atrás, e um dos pontos turísticos visitados foi o museu Casa da Hera. Naquele momento com curiosidade de um visitante a cidade buscando conhecer seu conjunto arquitetônico e pontos turísticos. Este congregava em si um edifício que fazia parte do patrimônio histórico e cultural da cidade, e parte do conjunto tombado pelo Patrimônio Histórico, ainda segundo o roteiro de viagem era a antiga morada de uma figura mitificada pela sociedade vassourense e historiografia.

3

Naquele momento não tínhamos ainda o olhar do historiador e pesquisador e sim do turista. Agora nossas inquietações de pesquisador e demanda de nossas personagens nos motivaram a uma nova visita ao Museu Casa da Hera. A sensação agora experimentada ao percorrer a pequena rua de pedras que dá acesso a antiga Chácara da Hera, adentrar pelo portão, caminhar pela trilha também de pedras, passar pelo jardim, avistar a antiga moradia toda coberta de folhagens, subir a pequena escada, finalmente entrar no casarão. E ao vislumbra na anti-sala quadros retratando antigos moradores da cidade, no caso parentes de Eufrásia Teixeira Leite nos causou um impacto diferente. Um novo olhar, nesse momento guiado pela lupa do pesquisador.

Agora no campo da visibilidade, o contato real, sairá do plano das leituras e passara para a experimentação. Naquele local havia sido resguardada uma amostra das moradias da elite cafeeira e de uma época. Ouvimos atentamente todas as informações, ao mesmo tempo em que nossos olhos percorriam cada cômodo, procurando registrar todas as imagens, suas cores e detalhes. Assim começamos a enxergar nesse âmbito uma das faces, da elite e sociedade vassourense do XIX. Seus costumes e ideais refletidos, através do legado da família Teixeira Leite. Neste cenário percebemos que cada novo rumo carrega em si tensões, cada fonte tem sua particularidade e importância.

E ao lançar nosso olhar para as trajetórias de nossas personagens percebemos que era mais apropriada uma observação que se abarca maior número de elementos para estudo. Suscitando vários diálogos, enxergar nosso objeto numa perspectiva direcionada a entendê-las em seu microcosmo, suas relações e atuações, a partir de várias fontes, em uma escala mais restrita de análise do seu cotidiano. Para então alcançarmos o entendimento de suas redes de relações e participação no âmbito social. Nossos questionamentos se entrelaçam as percepções de Mariana Muaze quando está escreve:

Ao esmiuçar as teias de relações afetivas, interna e externamente estruturadas, acredito ser possível redesenhar as redes de solidariedade e os mecanismos de sobrevivência que permitiram a manutenção de certos grupos enquanto classe dominante na sociedade imperial. Contudo, a pesquisa histórica não é um terreno totalmente seguro e pode reservar algumas aventuras, se assim o desejarmos. Ao tentarmos destrinçar os rastros de um dado contexto sociocultural, muitas vezes nos deparamos com “opacidades”¹ que colocam novos desafios e apontam diferentes rumos de trabalho, riscos que valem a pena ser corridos. (MUAZE, 2008)

¹ Segundo dicionário Houaiss opacidade caracteriza a ausência de transparência

4

E ao percorreu diferentes caminhos e desafios ao longo de nossa trajetória enquanto pesquisadores procurando construir nosso diálogo, decidimos trabalhar com a micro-história (LEVI, 1992:133), esta abarca a proposta de abordagem para a construção de nossas análises. Tal proposta esta baseada também na argumentação de José de Assunção de Barros:

Antes de mais nada é preciso deixar claro que a micro-história não se relaciona necessariamente ao estudo de um espaço físico reduzido ou delimitado, embora isto possa até ocorrer. O que a micro-história pretende é uma redução na escala de observação do historiador com o intuito de se perceber aspectos que de outro modo passariam despercebidos. Quando um micro-historiador estuda uma pequena comunidade, ele não estuda propriamente a pequena comunidade, mas estuda através da pequena comunidade (não é, por exemplo, a perspectiva da história local, que busca o estudo da realidade micro-localizada por ela mesma). A comunidade examinada pela micro-história pode aparecer, por exemplo, como um meio para atingir a compreensão de aspectos específicos relativos a uma sociedade mais ampla. (BARROS, 2004:9)

Entendemos que ao elegermos esta abordagem em hipótese alguma estamos fragmentando as experiências de nossas personagens nas análises. Observamos que existem vários contextos, nossas personagens transitam entre estes em seu cotidiano e o que as agregam é o que nos move a estudá-las. Sendo assim ainda sob o olhar de José Assunção de Barros: “É a partir de exemplos como este que podemos dizer que a micro-história lida com o fragmento como meio através do qual se pretende enxergar uma questão social mais ampla ou um problema histórico ou cultural significativo.” (BARROS, 2004: 9). Assim por meio desta abordagem e as análises das fontes eleitas por nós, buscaremos respostas para os questionamentos formulados na temática proposta.

1. A atuação feminina na sociedade do século XIX no Brasil.

Há em nossas reminiscências a imagem da construção do imaginário feminino visto através do viés das obras historiográficas, literatura, porque não mencionar a música e outros meios que ao longo dos tempos nos conduziram a produção de nossos conhecimentos acerca de nossa temática. Somos beneficiados, pois nosso tema esta no contexto de meados do XIX “locus fecundo”.

Neste cenário respiram-se muitas mudanças, é o momento da racionalidade que caracteriza esse século. O científico se impondo ao mítico, a introdução do modelo da família higienizada burguesa, novas relações de trabalho, a introdução de condutas de comportamento que objetivavam moldar os indivíduos socialmente. Os sujeitos deste momento estão

5

vivenciando um momento de muitas transformações, seus paradigmas estão sendo questionados. Sendo assim nos identificamos e dialogamos com que escreve Michelle Perrot sobre o privado no XIX: “[...] Esboçaria uma idade de ouro do privado onde as palavras, e as coisas se precisam e as noções se refinam. Entre a sociedade civil, o privado, o íntimo e o individual traçam-se círculos idealmente concêntricos e efetivamente entrecruzados.” (PERROT, 2009)

Problematizar a vida cotidiana das mulheres no Brasil do XIX carece considerar as mudanças sociais e culturais que ocorreram nesse período. O “viver” de uma época, a decifrar, conhecer seus códigos e práticas. Fontes como no caso dos periódicos e cartas nos apresentam de um modo mais claro as peculiaridades destas mudanças. Principalmente quando estudamos periódicos, percebemos muitas vezes através do discurso de seus artigos expressões e reivindicações de direitos, a imprensa no XIX era o lócus do público para o homem deste período. Como já foi dito por Peter Burke (1992:25) “é necessário ler os documentos nas entrelinhas”, interrogando-os criticamente, perceber o que não foi dito, ou as continuidades.

Ou seja os documentos nos permitem compreender as realidades contemporâneas de nossas personagens em seu cenário de atuação. Possibilidade esta de análise a partir do alargamento produzido pela nova historiografia de final de século XX. E segundo Tania Regina de Luca (2010:111) “tais mudanças atingem a própria concepção de documento” ao propor novos objetos, problemas e abordagens. E ao ampliar e diversificar nossas fontes tal escolha busca interrogar, discutir e confrontar aspectos da vida social das figuras femininas eleitas e sociedade.

Observando o imaginário sobre a figura feminina da época, sobretudo o lugar destas mulheres na sociedade, condutas a ser seguidas, reproduzidas. Percebemos ser estas imagens construídas, principalmente pelos discursos médicos e o cristão. O panorama traçado e idealizado segundo alguns autores apresentava a sociedade brasileira e contexto, como uma imagem refletida dos comportamentos e hábitos aristocráticos portugueses. Pensando dessa forma a estrutura familiar era caracterizada pelo modelo que tinha a figura do pai como o centro e detentor do poder sobre todos os membros da família, agregados e escravos.

Entretanto observamos a partir de nossas análises iniciais com a documentação selecionada variantes no perfil feminino, muitas são as mulheres no plural, é inevitável pensá-

6

las como um conjunto coeso, apesar de coexistirem num mesmo tempo. Ao propormos estudar a “mulher de elite” (FALCI & MELO, 2004:105-126) personagens integrantes do cenário da sociedade dos barões do café do vale do Paraíba Fluminense, tínhamos que primeiro que refletir e compreender o que seria ser mulher no contexto do século XIX e no Brasil, ou seja, estas fariam parte de um grupo maior composto pelas diversas mulheres.

Debate este o qual retornaremos em outra ocasião. O estudo em questão privilegia e contribui para a construção da identidade feminina não apenas da região cafeeira do vale do Paraíba, e sim para o debate numa escala mais alargada sobre a atuação feminina do Brasil no século XIX.

2. A atuação da mulher na sociedade dos barões do café do Paraíba fluminense em meados do XIX.

Pensar o processo de construção do imaginário social relacionado às mulheres na sociedade dos barões do café do vale do Paraíba Fluminense, em meados do XIX, é sempre desafiador, primeiro temos que compreender seus comportamentos e aspirações frente às demandas sociais, a dinâmica e os preceitos desta sociedade e época, sua visão de mundo e os papéis sociais desempenhados por seus atores. Neste caso de membros de uma elite dominante de ricos cafeicultores, cujos títulos de nobreza eram fruto da compra ou troca de favores entre estes e os imperadores.

Como já foi dito esta elite não se preocupava apenas com a manutenção de suas riquezas, mas, por manter o poder e domínios políticos. Outro fato já observado e citado por outras historiografias é que, estes barões, no caso os de Vassouras estabeleceram alianças estratégicas entre si, e neste contexto as famílias realizam casamentos endógenos, visando, manter a riqueza e o poder local. Poderíamos citar o caso dos Gomes Ribeiro de Avellar, os Corrêa e Castro e os Teixeira Leite, (FARIA, 2005) grupo ao qual Eufrásia Teixeira Leite pertencia.

E ao propormos discutir o papel da mulher na referida sociedade, especificamente os das mulheres da elite. Ao colocá-las no centro das discussões buscando identificar as impressões deixadas por estas nos documentos analisados, surge uma questão paradigmática, que nos leva a observar atentamente suas vozes nos discursos escritos e mesmo no que fica subentendido nas entrelinhas dos documentos. Quando dialogarmos com as fontes,

7

encontramos discordâncias relacionadas ao comportamento idealizado para a mulher do contexto.

E ao vislumbrar as representações em contraponto com suas atuações no meio social, compreendemos que “verdades” preconizadas por correntes historiografias ao longo da construção histórica no período citado são representações de uma determinada época e sociedade. Marc Bloch tece uma crítica em sua narrativa quando escreve dizendo: “não aceitar cegamente todos os testemunhos históricos. (...) nem todos os relatos são verídicos e os vestígios materiais podem ser falsificados.” (BLOCH, 2001: 89). No percurso de nossas observações enxergamos que existia uma dicotomia entre o que era estabelecido e desejado e o praticado pelas mulheres deste momento e sociedade. Encontramos vários casos de mulheres que administraram suas heranças².

Neste sentido para abordar nossa temática, palco de muitas singularidades, dado a importância dos questionamentos e preocupação com a multiplicidade de informações e insuficiência de tempo, selecionamos e elegemos três representantes femininas, figuras da elite vassourense. Nossas personagens possuem a própria temporalidade de atuação. A primeira nasce nas primeiras décadas do século XIX, e nos anos cinquenta dos oitocentos já é adulta, casada, reflete os valores de sua época, com critérios específicos referentes à organização familiar e o lugar da mulher neste círculo social. Momento de consolidação do estado nacional. Ao ficar viúva passa administrar seus bens.

A segunda mulher nasce em 1850, transita no cenário do apogeu do café na região do vale do Paraíba, é uma jovem, com os questionamentos de seu tempo. Filha de pai influente nos meios sociais e político. Desfruta de todos os prazeres cotidianos que a estes era

² No texto A partilha da riqueza na ordem patriarcal Hildete Pereira de Melo & Teresa Cristina Novaes Marques, destacam que de posse de bens algumas mulheres puderam exercer o poder sobre suas próprias vidas, fugindo do tradicional papel feminino. Os casos das fazendeiras de café, Eufrásia Teixeira Leite (1850 – 1930) de Vassouras (RJ) e Veridiana Prado (1825 – 1910), de São Paulo, são emblemáticos de como a riqueza podia mudar o tratamento que a sociedade oferece a algumas mulheres. Embora ditadas por circunstâncias especiais de enriquecimento, as diferentes trajetórias de vida de Eufrásia e Veridiana têm pontos em comum enquanto exemplos de mulheres que administraram vultosos bens. Eufrásia era filha de um rico fazendeiro e grande proprietário de terras, Joaquim Teixeira Leite e de Anna Esméria Corrêa e Castro, no vale do Paraíba fluminense. Sua mãe faleceu no ano de 1871 e, no ano seguinte, adveio à morte do pai. A perda dos pais transformou Eufrásia e sua irmã Francisca Bernadina nas únicas herdeiras de uma vasta fortuna acumulada pelo pai e sua família. A morte de sua irmã em 1899, sem filhos, fez de Eufrásia a única herdeira do vasto patrimônio familiar. Jamais se casou e administrou seus bens com notável talento, multiplicando seu patrimônio durante sua longa vida.

8

permitido. Após a morte dos pais, aos 23 anos deixa sua cidade e país partindo para viver em Paris, com a irmã, onde prospera.

Nossa terceira figura feminina convive e é marcada pelas mudanças econômicas e sociais do período e região que habita. Filha de pai também de boa família, agraciado com títulos nobiliárquicos. Como as demais personagens herda bens, passando a administrá-los. Entretanto convive com a diversidade de acontecimentos no espaço de tempo que abrange a decadência da produção do café, abolição dos escravos e mudanças que ocorrem no Brasil de final do século XIX.

Nossos questionamentos giram em torno dos papéis exercidos e atuações destas mulheres no âmbito familiar e social. Cujas experiências cotidianas nos apresentam uma complexa teia de relações singulares, que caracterizavam esta sociedade.

Buscando dar coerência a nosso debate, realizamos um cuidadoso trabalho de coleta de dados, para melhor entender e produzir nossas argumentações. Assim examinamos minuciosamente os testamentos e inventários, que estão disponíveis no Centro de Documentação Histórica - Universidade Severino Sombra Vassouras e documentos que fazem parte do acervo do museu Casa da Hera.

Encetamos nossas pesquisas, com o levantamento de todos os testamentos femininos que abrangiam a temporalidade de 1850 a 1890, e para dialogar com estes, estudo do testamento e inventário de Eufrásia Teixeira Leite 1930.

Nas primeiras análises identificamos oitenta e nove testamentos de figuras femininas da região. Assim um dos critérios selecionados como parte do processo inicial da pesquisa foi dividi-las em categorias, e começamos com as categorias temporalidade e sexo feminino.

Neste sentido, buscando entendê-los fizemos as leituras, e os classificamos cujas informações, foram confrontadas. Apesar de reconhecermos a importância de todos os documentos e suas testadoras, seguimos a proposta da pesquisa.

No decorrer dos estudos verificamos que algumas mulheres possuíam títulos nobiliárquicos. Poderíamos apresentá-los com o caráter de excepcionalidade, entretanto esta noção não estaria relacionada a um atributo natural. Sendo assim seguindo a percepção de Benito Bisso Schmidt (2009:115) excepcional significa presumir à “normalidade das outras mulheres suas contemporâneas,” a partir desta visão os títulos eram o que as diferenciavam

9

das outras testadoras. Possuir títulos em meados do XIX era símbolo de importância social como nos casos das senhoras:

- Ubá, Mariana Velho de Avelar – Viscondessa de, 1889.
- Amparo, Francisca Bernadeira de Souza Carvalho. Baronesa de, 1868.
- Massabara, Ana Rita de Avelar – Baronesa de, 1868.

Recorrendo às ditas fontes primárias, encontramos mesmo dentro de suas limitações alguns dados interessantes, como uma peça de tecido deixada como parte da herança. Fica difícil consideradas as relevâncias dos bens, seus valores. Sabemos que nessa observação fizemos uso de um anacronismo, fator que não cabe ao historiador utilizar, porém foi uma maneira de estabelecer parâmetros de valor aos bens inventariados no período.

Outro fato nos chamou atenção foi um costume da época, na maioria dos documentos analisados, a escrita testamental inicia com estas mulheres se auto-intitulavam ser católicas praticantes e ficava claro pelo número de missas a serem rezadas o caráter de preocupação diante da morte. Fato que reafirma a participação da Igreja e seus ritos enraizados no cotidiano dos personagens. Mesmo num período de secularização, como no caso de Eufrásia Teixeira Leite no início do século XX.

As relações de compadrio também ficam claras, em alguns dos testamentos, as testadoras além de beneficiar os membros diretos da família, muitas destas mulheres deixaram explícitos em seus desejos de doar bens para seus afilhados. Outro fato recorrente era alforriar escravos, principalmente aqueles que faziam os serviços da casa. Assim como as missas tinham o caráter cristão.

O pertencimento a “elite” estava principalmente identificado no número de escravos deixados como herança. O mesmo podemos dizer relacionado à quantidade bens a serem partilhados entre os beneficiados, estes representadas por fazendas, casas nas cidades e negócios.

Ao comparar tais documentos observamos apenas no testamento de Eufrásia Teixeira Leite a preocupação em deixar bens para filantropia. Isto nos chamou atenção e aguçou nossa curiosidade de pesquisador. Todavia ao fazermos nossos estudos podemos concluir que desde a fundação da Santa Casa da Misericórdia de Vassouras os membros de sua família de ambos os lados, paterno e materno, figuravam no quadro dos fundadores e doadores desta instituição.

10

Seu próprio pai o Dr. Joaquim José Teixeira Leite figura como membro provedor no ano de 1871. Retornaremos a este assunto em nossa dissertação.

Ao propor Eufrásia Teixeira Leite como pano de fundo aos estudos das mulheres de elite, já tínhamos clareza que esta já carregava em si vários questionamentos, que fomentam conflitos, no que se refere à atuação feminina. Expondo assim as contradições relacionadas atuação da mulher num momento de ebulição e mudanças sociais. Muito embora ao ficar órfã dos pais e após abertura do testamento do Dr. Joaquim Teixeira Leite, Eufrásia herdeira de parte do patrimônio familiar junto com a irmã, segundos relatos toma as rédeas dos negócios e decisões pessoais, sendo ambas solteiras, traz para si um papel concebido aos olhos da sociedade da época ao homem.

Nota-se que a trajetória de Eufrásia Teixeira Leite transpôs vários acontecimentos importantes que ocorreram no século XIX em sua localidade e no Brasil. Muitas são as especulações acerca dos motivos de sua partida, entretanto não tomaremos parte nesses diálogos, nossas análises partes das fontes citadas. Retomemos nosso curso já na transposição temporal quando de sua morte em 13 de setembro de 1930 na cidade do Rio de Janeiro aos 80 anos.

3. Trabalhando as fontes

Ao selecionarmos as fontes (JANOTTI, 2005) para análise, elegemos uma seleção diversificada de documentos para nossos estudos. Nesse primeiro momento e processo de análise, objetivando construir nossa pesquisa, priorizamos as leituras críticas do testamento de Eufrásia Teixeira Leite (FALCI & MELO, 2002) e seu inventário. Documentos estes que fazem parte do conjunto pertencente ao acervo do Centro de Documentação Histórica da Universidade Severino Sombra - Vassouras. O arquivo possui um conjunto de documentos históricos variados. Resguarda documentos do século XVIII até o ano 1930. Disponibilizados para consulta de historiadores, estudantes e demais pessoas interessadas.

Muitos documentos do acervo já foram digitalizados, e podem ser acessados no próprio CDH-USS através dos computadores disponíveis aos pesquisadores.

Fazem parte do acervo:

1. Documentos eclesiais.
2. Documentos jurídicos.
3. Obras raras

11

Assim para entender o que seja testamentos e inventários, e dialogar com suas especificidades, grosso modo descreveremos o que seriam. Para tal objetivo faremos uso da interlocução de Júnia Ferreira Furtado para melhor nos fazer compreender.

Testamentos e inventários são produzidos no contexto da morte de uma pessoa, mas, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, esses documentos contêm ricas e variadas informações sobre múltiplos aspectos da vida do morto, bem como da sociedade em que ele viveu. Por isso, nas mãos do historiador, eles podem se transformar em testemunhos sobre a morte, mas acima de tudo sobre a vida, em suas dimensões materiais e espirituais. Ambos os documentos guardam algumas similaridades, mas são distintos, cada qual com sua especificidade. (FURTADO, 2011:93)

Ainda sobre estes, podemos esclarecer que os testamentos são escritos antes da morte de seus testadores e exprimem suas últimas vontades e desejos em relação à distribuição de seus bens, enquanto os inventários acontecem no momento depois da morte, quando os bens do morto são repartidos, conforme instruções de seu testamento e dispositivos legais. O que os entrelaça são os bens e as leis que os regem.

Durante a elaboração da pesquisa, deduzimos que havia mais ainda a compreender, conclusão esta alcançada após examinar e observar as respostas dadas pelos documentos, quando confrontados aos questionamentos propostos. Processo pelo qual tivemos o cuidado de cruzar e articular as informações.

Embora possuíssemos dados, deparamo-nos com muitas lacunas. Enxergamos a necessidade de buscar mais informações, neste caso os testamentos e inventários de outras mulheres da região e período que foram anexados ao conjunto de documentos examinados. Numa cronologia que atende a demanda dos anos de 1850-1900. E o de Eufrásia Teixeira Leite e seu inventário datados de 1930 os primeiros registros. Estes também fazem parte do acervo documental do CDH-USS. E por alguns meses concentradas nossas reflexões nas fontes citadas nas linhas acima, interrogando-as e observando criticamente suas respostas.

Descrita como “mulher rica, financista, que possuía casa de moradia em Paris, cuja fortuna colossal compunha-se de ações das mais variadas empresas internacionais” (FALCI & MELO, 2004:110), deixa um testamento contendo suas últimas vontades. Um fato chama atenção de muitos, a condição de solteira no momento de sua morte aos 80 anos. Ao fazermos a leitura e estudo deste testamento, comparado com de outras mulheres de sua região testados no período 1850-1890, encontramos muitas permanências quando confrontados. Apesar da

12

diferença temporal que os separa. Visto que o testamento de Eufrásia Teixeira Leite é datado em 1930.

Buscando dar coerência a nosso debate apresentaremos um fragmento deste documento:

Eu, Eufrásia Teixeira Leite, abaixo assignada, achando-me no gozo e no uso da plenitude das minhas faculdades mentais e no exercício pleno da minha liberdade, [...] Sou solteira, e, não tendo nem descendentes, nem ascendentes, podendo assim, na conformidade das leis do meu paiz, dispôr dos bens, que tenho, como entender, e a bem de querer entender, [...] I Deixo ao Instituto das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, com séde na Cidade de Roma, na Itália, mas com diversos estabelecimentos de instençaõ no Brazil, dos quaes o principal se acha installado nesta Cidade do Rio de Janeiro, á Rua Conde de Bonfim, nº 1305, os seguintes bens: a) Com a Clausula de inalienabilidade absoluta e insubrogabilidade em outros bens de qualquer natureza, a minha chácara situada na Cidade de Vassouras, no Estado do Rio de Janeiro, herdada dos meus finados paes, constituída por casa de moradia e terras em grande parte cultivadas com arvores fructíferas, com todos os moveis, objectos, livros de biblioteca, que foi do meu finado pae, quadros, louças e utensílios existentes na casa de morada da mesma chácara.[...] II Deixo os bens mencionados nas alíneas a, b e c da verba I supra, com as seguintes obrigações e encargos:(c) o legatorio instituído será obrigado a conservar a casa de morada, e tudo que nella existiu no mesmo estado em que se encontrassem, quando fôr recebido o legado, da chácara indicada na alínea a da verba I, bem como a dita chácara, não podendo habitar ou occupar ,nem permittir que outros se utilizem, dos moveis, objectos, louças, livros, quadros e utilizar ou gosar, vendendo-os ou não, dos fructos da chácara.³

Observamos na escrita do testamento, a preocupação em consolidar em suas vontades a memória da família Teixeira Leite, principalmente a de seu pai José Joaquim Teixeira Leite. Através de pequenos detalhes e fragmentos lançados no corpo do documento. Interpretação esta baseada nas cláusulas: para manter a propriedade denominada Chácara da Hera inalterada (por proibição de venda e transferência de posse) e nomear segunda vontade expressa no corpo do documento tanto o instituto profissional feminino como o masculino com o nome do pai o Dr. Joaquim José Teixeira Leite.

Para Miridan Brito Falci e Hildete Pereira de Melo “Eufrásia atravessou as fronteiras do tempo - saiu do sistema escravista, partiu para as Luzes e transformou-se numa rentista e esclarecida mulher” (2004:110). Todavia percebemos em nossas análises documentais, no caso o testamento muitas permanências quando analisamos algumas cláusulas testamentais, prova disso é o pedido de criação dos institutos: feminino e masculino. Apesar da passagem temporal ela ainda esta imbuída do projeto de civilização, onde a educação era um fator

³ Transcrição de parte do testamento de Eufrásia Teixeira Leite, [fl. 1f] [fl.1v]. 1930. Centro de Documentação Histórica - Universidade Severino Sombra. Vassouras CDH-USS.

13

importante para a construção do modelo social idealizado. E também de muitas reminiscências da juventude, principalmente enquanto filha e antiga moradora da cidade de Vassouras.

4. Considerações Finais

Buscamos compartilhar aqui o resultado de um breve exame fruto de nossas primeiras análises com as fontes selecionadas. É importante ressaltar que as elaborações dos estudos com o conjunto de documentos paralelamente vão sendo realizados no CDH-USS: Centro de Documentação Histórica - Universidade Severino Sombra e Museu Casa da Hera Vassouras. Num primeiro balanço de seus resultados temos a informar que boa parte destes já foram classificados e transcritos, como o testamento de Eufrásia Teixeira Leite e as missivas endereçadas à mesma. Os inventários e testamentos das demais personagens já foram identificados, classificados e realizada uma breve leitura. Nesse momento é impossível detalhar todas as análises, o espaço e o tempo são curtos.

Ainda relacionado ao nosso trabalho com as fontes entendemos que nossos objetos possuem demandas próprias e mais uma vez, fomos direcionados a novos rumos. A demanda por informações referentes às outras personagens nos indicavam novos caminhos, outros documentos e textos foram sendo incorporados. Como os artigos publicados no Amanach Vassourense (1884-1887) e dados publicados no Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e da Capital da Província do Rio de Janeiro (1854 -1885).

Nestes encontramos referências principalmente sobre a nossa segunda personagem Anna Jesuína Cândida Teixeira Leite, tia de Eufrásia e irmã do Dr. Joaquim José Teixeira Leite. Nossa personagem é citada como viúva e capitalista ao lado de homens com seu próprio irmão, na relação de capitalistas do município de Vassouras nas décadas de 60 a 80 do século XIX fato que vem consolidar nossas expectativas em relação à atuação das mulheres como administradoras. Em relação a nossa terceira personagem temos a dizer que já localizações documentos relacionados à mesma, como inventários e dados referentes a sua ocupação registrados no almanak citado anteriormente, onde esta aparece como fazendeira.

Todavia priorizando neste momento as análises com os testamentos e inventários. Embora sabendo que todos os dados encontrados de cada personagem são importante para o

14

confronto de informações e debate das questões propostas na pesquisa. Tais informações farão parte de nossos debates futuros no corpo textual de nossa dissertação.

Fontes Primarias

- .Testamento e inventário de Eufrásia Teixeira Leite 1930:CDH-USS Vassouras
- .Testamento de Anna Jesuína Cândida Teixeira Leite: CDH-USS Vassouras
- .Testamento de Joaquim José Teixeira Leite 1872: CDH- USS Vassouras
- .Testamento de Francisco José Teixeira Leite (Barão de Vassouras) 1884: CDH- USS Vassouras
- .Testamento de Mariana Velho de Avelar – Viscondessa de Ubá, 1889. CDH- USS Vassouras
- .Testamento de Francisca Bernadeira de Souza Carvalho. Baronesa de Amparo,1868: CDH-USS Vassouras
- .Testamento de Ana Rita de Avelar – Baronesa de Massabara,1868: CDH- USS Vassouras

Referências Bibliográficas

- BARROS, José Costa D'Assunção. Revista do Mestrado de História, Vassouras, v. 6, 2004.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamim. Apologia da história, ou, O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. UNESP 1992.
- FALCI, Miridan Britto & MELO, Hildete Pereira de. Leituras de uma Mulher Rica. Revista do Mestrado de História vol. 6 . 2004.
- _____.Riqueza e emancipação: Eufrásia Teixeira Leite. Uma análise de gênero. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Nº 29, 2002.
- FARIA, Sheila de Castro. BARÕES DO CAFÉ: A vida no tempo da corte. Coordenação Maria Helena Simões Paes, Iris Kator. São Paulo, Atual. 2005
- FURTADO, Júnia Ferreira. Testamentos e Inventários. A morte como testemunho da vida. In: O historiador e suas fontes. Carla Bassanezi e Tania Regina de Luca. São Paulo: Contexto, 2011.
- JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro fontes históricas como fonte. In: Fontes Históricas. Carla Bossanezi Pinsky. São Paulo: Contexto, 2005.

15

LEVI, Giovanni. Sobre a micro- história. In: A Escrita da história: novas perspectivas. Peter Burke. UNESP, 1992.

LUCA, Tania Regina. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Fontes Históricas. Carla Bassanezi Pinsky. São Paulo: Contexto, 2010.

MUAZE, Mariana. As memórias da viscondessa: família e poder no Brasil Império. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

PERROT, Michelle. História da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, Introdução. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi. Apresentação. Fontes históricas. São Paulo Contexto, 2010.

SCHMIDT, Benito Bisso. Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher “excepcional”. In: Memórias e narrativas autobiográficas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009